

## A contação de histórias como prática educativa

### *Storytelling as an Educational Practice*

Laís Costa Ferreira\*

*Universidade do Estado da Bahia*  
Salvador, Bahia, Brasil

Rosemary Lapa de Oliveira\*\*

*Universidade do Estado da Bahia*  
Salvador, Bahia, Brasil

**Resumo:** O presente trabalho busca discutir a contação de histórias no contexto de sala de aula como prática educativa das séries iniciais do ensino fundamental da rede municipal de Salvador. O estudo vem problematizar como acontece a contação de histórias no contexto de sala de aula como prática educativa. Este trabalho tem como pressuposto metodológico a etnografia, junto aos princípios da investigação qualitativa, na qual a proposta de estudo é pensar as facetas existenciais da arte de contar histórias na prática educativa. A pesquisa foi realizada com grupo de professoras das séries iniciais do ensino fundamental da rede municipal de Salvador, Bahia, Brasil, que utilizam a contação de histórias como prática educativa no contexto escolar, no ambiente de sala de aula. Considerando também a função social da arte de contar histórias que se manifesta de forma plena, à medida que a experiência da contação adentra o horizonte de expectativas de sua vida prática, compondo o seu entendimento do mundo e influenciando seu comportamento social. Em virtude dos fatos mencionados, acreditamos que esse estudo pode ser um recurso que corrobore com a ampliação desse debate, podendo ser usado como subsídio para se pensar mudanças nas políticas públicas em educação.

**Palavras-chave:** Contação de Histórias, Prática Educativa.

**Abstract:** This paper aims to discuss storytelling in the classroom context as an educational practice of the initial grades of elementary school in Salvador. The study discusses how storytelling happens in the classroom context as an educational practice. This work is based on ethnographic the methodological assumption, along with the principles of qualitative research, in which the purpose of this study is to think about the existential facets of the art of storytelling in educational practice. The research was carried out with a group of teachers from the initial grades of elementary school in Salvador, Bahia, Brazil, who use storytelling as an educational practice in the school context, in the classroom environment. Considering also the social function of the art of storytelling that manifests itself fully, as the experience of storytelling enters the horizon of expectations of his practical life, composing his understanding of the world and influencing his social behavior. Due to the mentioned facts, we believe that this study can be a resource that corroborates the broadening of this debate, and can be used as a subsidy to think about changes in public policies in education.

**Keywords:** Storytelling, Educational Practice.

\* Estudante de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Estado da Bahia-UNEB. E-mail: las\_161@hotmail.com.

\*\* Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia, atuando na Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Estado da Bahia-UNEB. E-mail: rosy.lapa@gmail.com.

## 1 DOS CONTOS DA VIDA AOS CONTOS DO MUNDO DA PRÁTICA EDUCATIVA

Os meus pais sempre sinalizaram que só a educação me levaria a um mundo de possibilidades. Durante a infância, tive muito contato com leituras de revistas em quadrinhos e contação de histórias narradas por meu avô. Na adolescência, fui afetada por alguns clássicos da literatura e pelos romances que eram vendidos nas bancas de revista. Acredito que o contato com a leitura tenha sido uma das ferramentas que me levou a ser uma pessoa dedicada aos estudos.

Tratando-se da educação formal, fui aluna oriunda de Escola Pública, com exceção da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Quando cheguei ao Ensino Médio, algumas dúvidas surgiram sobre a área que escolheria para atuar profissionalmente. Nesse caminhar, cheguei a ficar na dúvida, no início do primeiro ano do Ensino Médio, entre os cursos de Biologia e História. Entretanto, no segundo ano do Ensino Médio, fui completamente influenciada pela professora de História, Sônia Carvalho, docente apaixonada e comprometida com a sua prática pedagógica, apesar de todos os entraves existentes na educação, especialmente em uma Escola da Rede Pública. No final do Ensino Médio, no ano de 2006, comecei a fazer curso pré-vestibular. No ato da inscrição do vestibular, optei pelo curso de História. Após a aprovação no vestibular em 2007, ingressei na Universidade Católica do Salvador e comecei a cursar a graduação em História.

Quando residi, em 2015, no Estado do Maranhão, na cidade de Pedreiras, tive a oportunidade de atuar como professora voluntária na zona rural do Lago do Junço, na Escola Família Agrícola do Lago do Junço. Escola na qual algumas professoras da educação infantil, utilizavam a contação de histórias como recurso pedagógico em sua prática docente, não se limitando, apenas, ao repertório dos conteúdos programáticos. A contação de histórias realizada por essas professoras possibilitou-me conhecer as leituras e interpretações de mundo dos educandos, a partir da interação e socialização ativa com a contação, no processo de ensino e aprendizagem. Esta ação encantou-me, gerando algumas inquietações subjetivas diante do que presenciei, no ato da contação com os pequenos.

Após retornar para Salvador, no segundo semestre de 2017, passei a participar das discussões do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem (GELING), coordenado pela Professora Dinéa Maria Sobral Muniz, na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no qual tive a oportunidade de conhecer a professora Lícia Beltrão, que me informou que a professora Rosemary Lapa, ofereceria um curso de extensão sobre “*Contação de História e Docência*”, na FACED/UFBA.

Diante da notícia, fiquei radiante e ansiosa, afinal tinha muito interesse em conhecer mais sobre o universo da Contação de Histórias no espaço formal e não formal. Quando as inscrições ficaram disponíveis, pleiteei uma vaga como aluna no curso de extensão “*Diálogos Entre Contar Histórias e Docência*”. Perante as discussões mediadas pela professora e das contribuições dos colegas no curso, novas inquietações foram surgindo

e a partir dessas inquietações decidi formular o presente estudo que se inscreve no bojo de importantes debates da atualidade sobre a contação de histórias no contexto de sala de aula como prática educativa. Isso porque já é sabido que a contação de histórias é um recurso educacional representativo que abarca múltiplas facetas socioculturais e de integração, socialização, ludicidade e estética na prática pedagógica.

No entanto, a não utilização desse recurso por educadoras tem sido considerado um desafio, o que requer estudos direcionados à contação de histórias no contexto de sala de aula de educadoras sobre essa prática em busca de desvendar os percalços envolvidos na perspectiva educativa. Nesse sentido, o presente estudo parte do seguinte problema: Como acontece a contação de histórias no contexto de sala de aula como prática educativa das séries iniciais do ensino fundamental da rede municipal de Salvador? O objetivo geral foi conhecer a contação de histórias no contexto de sala de aula como prática educativa das séries iniciais do ensino fundamental da rede municipal de Salvador.

Este trabalho tem como pressuposto metodológico o método auto etnográfico, junto aos princípios da investigação qualitativa, na qual a proposta de estudo é pensar as facetas existenciais da arte de contar histórias na prática educativa. Segundo Magalhães (2018, p. 17), no Brasil, as pesquisas com enfoque auto etnográfico ainda são incipientes, principalmente no contexto pedagógico, em domínio escolar.

A escolha pelo referencial da pesquisa auto etnográfica sublinha a importância da experiência pessoal do pesquisador como forma de construção do conhecimento nos estudos socioculturais. A metodologia de pesquisa auto etnográfica permite o envolvimento do pesquisador e possibilita transpor para o seu estudo as suas experiências emocionais, revelando detalhes da pesquisa. Assim “a pesquisa auto etnográfica destacará a experiência pessoal no contexto das interações sociais e práticas culturais, buscando o engajamento reflexivo por parte do pesquisador e revelando o conhecimento de dentro do fenômeno pesquisado” (MAGALHÃES, 2018, p. 24).

Na pesquisa de natureza qualitativa, o pesquisador não se preocupa com a representatividade numérica do grupo investigado, mas com o aprofundamento da compreensão do grupo social, organização, instituição e conseqüentemente sua trajetória. Nesse sentido, na perspectiva da educação, os docentes “lidam com as emoções, valores, subjetividades que não são suscetíveis de quantificação, já que cada um deles têm um sentido próprio, diferente dos demais e isso torna necessário que cada caso concreto seja compreendido em suas singularidades” (GOLDENBERG, 2011, p.18). O que demonstra a aplicabilidade da abordagem qualitativa tendo em vista o objeto de estudo proposto.

A pesquisa foi realizada com grupo de professoras das séries iniciais do ensino fundamental da rede municipal de Salvador, Bahia, Brasil, que utilizam a contação de histórias como prática educativa no contexto escolar, no ambiente de sala de aula. O estudo teve o compromisso de cooperar para o posicionamento crítico das docentes frente à arte de contar histórias. Considerando também a função social da arte de contar histórias que se manifesta de forma plena, à medida que a experiência da contação adentra o horizonte de expectativas de sua vida prática, compondo o seu entendimento do mundo e influenciando seu comportamento social.

Atendendo aos requisitos da Pesquisa Auto etnográfica, a investigação se deu em etapas: 1. Aprofundamento teórico; 2. Pesquisa de campo; 3. Produção das informações junto aos sujeitos de pesquisa. A primeira etapa inclui a revisão teórica e os ajustes no marco conceitual. Dessa forma, na produção das informações junto aos sujeitos de pesquisa foram utilizadas técnicas como observação participante e entrevista semiestruturada. No entanto, antes de iniciar a inserção ao cenário de pesquisa propriamente dito, houve um período de sensibilização para que laços de confiança fossem estabelecidos, permitindo assim a realização da pesquisa sem nenhum constrangimento. Este período também contribuiu para definir as docentes participantes da pesquisa.

Durante o trabalho de campo, a constante interação com as docentes e a ação de observá-las e escutá-las foi imprescindível ao fazer auto etnográfico. Nesse contexto, foi muito importante à observação participante, que consistiu na participação ativa do pesquisador como membro do grupo, vivenciando a realidade do observado. Tudo que foi observado do cotidiano da sala de aula durante a contação de histórias foi registrado em um diário de campo. Tal procedimento também foi adotado nas conversas informais com as docentes. Para Gondim (2003, p.150) além do mais, o diário de campo foi indispensável para registrar a interação grupal entre as docentes e os discentes no ato da contação, o registro viabilizou a compreensão das práticas educativas e significados construídos por grupos humanos, sendo, portanto, essencial quando se pensa em captar percepções das docentes sobre a capacidade imaginativa da arte de contar histórias.

A entrevista semiestruturada “levará os sujeitos da pesquisa a manifestarem as suas percepções, independente de suas dificuldades de verbalização ou outros incômodos. Ainda é importante destacar que a condução das entrevistas semiestruturadas foi fundamental para extrair ao máximo as subjetividades das entrevistadas.” (Cavalcante; Calixto; Pinheiro, 2014, p.16). Em geral, as entrevistas foram realizadas nos momentos mais oportunos, não prejudicando o trabalho diário executado pelas docentes.

Em relação às entrevistas, a utilização do gravador de voz aconteceu com a permissão das docentes com perguntas abertas. É importante enfatizar que optei por tratá-las com nomes fictícios. Todas as entrevistas foram gravadas em áudios e transcritas posteriormente, selecionei apenas uma das entrevistas com o foco no objetivo do estudo. O critério de escolha se deu devido à presença frequente da contação de histórias na prática educativa da professora ADN, tendo em sua base as seguintes questões: a) por que você conta histórias? b) a contação de histórias em sua prática educativa ocorre de forma cotidiana ou pontual? c) quando você conta histórias você tem clareza do que pretende atingir?

Com base nas perguntas da entrevista à docente ADN, profissional graduada em pedagogia, professora efetiva da rede Municipal de Ensino, há mais de 5 (anos) pude verificar que a docente estabeleceu com os seus alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, o hábito da arte de contar histórias:

O contar de história é uma prática cotidiana, mas o objetivo nem sempre é pedagógico, muitas vezes quero apenas que eles desfrutem da história, fujam da realidade e aproveitem a história [...] Porque a história faz com que meus pequenos entrem em outro mundo de

fantasia, imaginação e crianças precisam disso, principalmente aquelas que estão em situação de vulnerabilidade social e que têm suas infâncias maculadas pelas várias violências que a pobreza impõe para quem as vive.... (Entrevista concedida em 22/01/2019)

A contação de histórias na prática educativa da professora ADN e demarcada em seu discurso, como sendo utilizada em sua prática educativa com o objetivo de entretenimento, para acalmar os ânimos e confortar a realidade difícil dos seus alunos. Porém a contação de histórias visa ser um recurso de possibilidades na prática educativa, na qual propende a nos possibilitar o diálogo do conhecimento prévio dos alunos com as histórias narradas no ambiente escolar de sala de aula. Uma vez que através da contação de histórias é possível trabalhar o imaginário, o lúdico, o estético e a socialização entre os sujeitos ouvintes. Há de se considerar que a contação de histórias é uma ação ancestral, que nos ensina não apenas entreter.

Segundo Sisto (2012, p.32) contar histórias é um meio de comunicação ancestral. Por isso, “desde que o mundo é mundo, o homem sempre esteve ao lado de suas narrativas, ao redor do fogo, por meio da escrita rupestre entremeada de sons guturais até a elaboração da linguagem” (BEDRAN, 2012, p. 25). A contação de histórias é uma prática antiga que foi transmitida ao longo de gerações com o intuito de preservar a memória e ensinamentos de populações, sendo também considerada enquanto arte. Tal prática ainda hoje é utilizada como um instrumento de partilha de saberes e importante método educativo, porém com pouca adesão de educadores.

A contação de histórias pode ser concebida enquanto arte, pois carrega significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser. Tal compreensão nos remete à diversidade de propósitos envolvidos na propagação do conto, que perpassa pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano. Defende Busatto (2012, p.37), que através do conto podemos valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais, religiosos; a arte de contar histórias pode ser o estímulo de muitas reflexões. Uma vez que, “contar é arte para ver, ouvir, sentir e arte para um fazer coletivo, arte para ser. Contar histórias emancipa tanto quem conta, quanto quem ouve, o sujeito ouvinte, e o sujeito leitor” (SISTO, 2012, p. 143). Portanto, “esta narrativa também serve como elemento integrador de um trabalho em sala de aula em que as diferentes áreas de conhecimento podem ser abordadas e pesquisadas” (BUSATTO, 2012, p. 12).

Desde 1998, o Ministério da Educação (MEC) oficializou, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a utilização desse meio educativo enquanto essencial para a valorização da diversidade cultural, o qual favorece aspectos cognitivos, afetivos, físicos, éticos, estéticos, de atuação e de inserção social, de forma a expressar a formação básica necessária para o exercício da cidadania e nortear a seleção de conteúdo. Nesse contexto, o conto de tradição oral passa a ter um importante reconhecimento no processo educativo.

Para tanto, é preciso que mais atividades com a experiência da arte de contar histórias sejam realizadas nas escolas a fim de semear sonhos, esperanças, ensinamentos. Isso porque essa arte alimenta a poesia, a imaginação e inspira o ouvinte a ver com outros olhos, auxiliando-o a crescer, ampliar alternativas, resolver dilemas, escolher ser autônomo e nutrir essência com a sabedoria.

Essa reflexão me conduziu à motivação em desenvolver um estudo nessa área, uma vez que a arte de contar histórias pode modificar contextos. Entretanto, alguns estudiosos já vêm sinalizando acerca da não utilização do conto enquanto estratégia educativa em instituições de ensino formal. Salienta Busatto (2012, p.38), o conto da literatura oral só recebe destaque no mês em que se celebra o “folclore” (cultura popular), sendo trabalhada exaustivamente, porém de forma pontual e com o objetivo de valorizar apenas aquela data.

Isso também ocorre porque há uma dissimulação no trato político dos cursos de formação de professoras que não permite encarar a necessidade de se criar cursos sem conteúdos estruturados e fechados. Somado a esse contexto, a literatura científica possui exíguas produções sobre a arte de contar histórias na prática pedagógica de professores de ensino básico, o que requer aprofundamento nessa seara, para se embasar mudanças.

Para ADN, a professora entrevistada, os professores precisam ter mais iniciativa e sensibilidade em sua prática pedagógica, o ato da contação de histórias é uma ação que requer pesquisa e conhecimento sobre as histórias que serão narradas no ambiente da sala de aula:

Costumo selecionar as histórias, mas algumas como a do Homem Biscoito eles sempre pedem, eu sempre repito e eles já sabem partes da história e sempre se surpreendem, se assustam. Eu tiro um dia da semana pra contar histórias repetidas que eles pedem (Entrevista concedida em 22/01/2019).

Diante da narrativa da professora ADN, vê-se a relevância em investigar a contação de histórias no contexto da sala de aula como prática educativa, para se alcançar a formação reflexiva dos sujeitos desde a mais tenra idade. A contação de histórias é um dos elementos possíveis na prática pedagógica, que se constitui enquanto arte por possibilitar a criação da montagem da expressão escrita e da expressão oral em uma tarefa criadora. Segundo, Hampatê Bá (2010, p.168) isso se deve pelo entendimento acerca do que é a “palavra”, a qual se expressa através da fala e não possui apenas um poder criador, mas tem a dupla função de conservar e destruir. Desse modo, a fala, por excelência, é o grande agente ativo da magia do contar.

Considerando enquanto uma possibilidade de aprendizagem, vale destacar que ainda na infância aprendemos por meio dessa estratégia, mesmo que não intencionalmente. Assim, a relação com as histórias se dá o mais precocemente, fazendo com que as pessoas se constituam futuramente enquanto seres humanos. Por conta disso, “os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam e simbolizam a compreensão das coisas da vida” (JOSSO, 2010, p.40).

Para Sisto (2015, p.11), as narrativas têm o poder de ensinar, seja diretamente, como é o caso dos contos ou de maneira subliminar. Através da oralidade, são reveladas questões culturais que denotam o modo de pensar de um povo, as suas questões étnicas relativas às raízes que sustentam a formação dos indivíduos. Apesar da importância desse recurso como princípio educativo no âmbito doméstico, a arte de contar histórias também é compreendida como essencial para o processo de formação na educação escolar.

Santos (2003, p. 17) salienta que é possível deduzir que a arte de contar histórias tem um papel bastante diversificado e que educar através da contação de histórias pode possibilitar a aprendizagem para aqueles que as escutam em diálogo com o seu universo simbólico. Sisto (2015, p.11), defende, assim, que as narrativas orais integram, socializam e aproximam os diferentes, por isso é importante que a função do professor coexista como a de um contador de histórias.

Santos, ensina que (2013, p.117 apud MATOS, 2005, p.30) “Um professor envolvido com as narrativas, como acontece com os contadores de histórias, inclina-se a desenvolver também disposição para a dimensão educativa da palavra”. Na qual ultrapassa o espaço da escola e se coaduna com a função social da educação prevista pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996):

Art.2º A educação é dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade, nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Professores e contadores de histórias são guardiões das palavras e quando se misturam constroem, através da narrativa, movimentos de fala e escuta entre os seus interlocutores (discentes). Na arte da contação, o profissional da educação, em especial o professor, é convidado a expandir um conhecimento transdisciplinar e observar a realidade a sua volta com a sensibilidade de quem faz cultura. Provocadoras de alegria no processo educativo, localizada no cerne da educação sustentada pelo afeto e pela sensibilidade, responsável, ao lado das outras artes, pela construção de uma poética dos processos de ensino e aprendizagem. E para que essa alegria seja reconhecida no processo educativo, “é preciso que o professor se reconheça como alguém que, ao mesmo tempo em que educa, é também educado, já que vive num círculo de relacionamentos” (FREIRE, 1997, p.17). Na prática educativa da professora ADN, a contação de histórias possui dois momentos distintos:

Um momento que é simplesmente lúdico, onde o objetivo é suplantar a realidade através da história. Dependendo da história vou fazendo perguntas e eles vão recontando a história com as palavras deles [...] O segundo momento a história é usada com o fim mais pedagógico, uso pra distintas disciplinas e situações, desde matemática, história, português, até problemas específicos como autoestima, identidade, questões raciais/ étnicas...

É certo que todo ato educativo possui uma intenção subjetiva de ensinar algo ou alguma coisa para o educando, porém não podemos utilizar a arte de contar histórias no ambiente de sala de aula como um recurso mecânico. No qual o educador narre as histórias com o propósito de levantar indagações com o objetivo de sabatinar a interpretação do ouvinte. As docentes precisam se conscientizar de que o ato da contação no ambiente escolar deve ser um momento em que os ouvintes ouçam as histórias e possam realizar às suas próprias interpretações em diálogo com às suas próprias vivências subjetivas dentro e fora do ambiente escolar. Afinal, a contação de histórias é um recurso emancipador, que tende a proporcionar a interação através do imaginário, da socialização, da estética e ludicidade das crianças mediada pelas docentes.

Nesse contexto, conforme Wallon (2005, p.16), a escola funciona como um espaço de desenvolvimento de inteligência, experiências de emoções e sentimentos dos sujeitos, socialização, sensibilidade e afeto, caminhos para o desenvolvimento de uma educação mais ampla, acolhedora de prazer, descobertas, sonhos e desejos. Explica Santos (2013, p. 124), quando a escola dá pouca importância à afetividade e à sensibilidade, a educação perde o seu caráter mediador da compreensão afetiva e efetiva do mundo.

Estudos têm demonstrado, Santos (2013, p. 151) que a arte de contar histórias, mesmo sendo alocada em um tempo específico, funciona como ferramenta de resgate da importância da palavra e desenvolve a capacidade imaginativa de quem as ouve. Além de explorar a linguagem, as histórias, quando narradas em sala de aula, atribuem no sentido de estreitar a relação existente entre adultos e crianças, e possibilitam o desenvolvimento da criatividade e a capacidade de brincar com o imaginário de maneira astuciosa.

Portanto, “o ato de narrar significa um encontro de experiências transmitidas de indivíduo a indivíduo, de povo a povo, capaz de deixar impressos nas memórias das gerações elementos essenciais à vida em seus diversos momentos” (BEDRAN, 2012, p. 43). Reflexão da arte de contar histórias pelo docente pode ser considerada uma ação de valorização da identidade e é uma possibilidade de ampliar a relação de comunicação da proposta teórico-pedagógica.

Outro aspecto relevante é que o estudo promoveu o diálogo com a comunidade externa e a comunidade acadêmica, pois as escolas de educação infantil são importantes instituições de produção de conhecimento, que devem ser inseridas nos debates sobre a arte de contar histórias, pois são espaços de consolidação e rupturas de ideias dominantes. Por esta razão, acreditamos que esse estudo pode ser um recurso que corrobore com a ampliação desse debate, podendo ser usado como subsídio para se pensar mudanças nas políticas públicas em educação.

## **2 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sendo a escola um lugar de construção e reconstrução de conhecimento, este estudo proporcionou-me conhecer e perceber como as educadoras estão inserindo a contação de histórias em sua prática educativa no contexto de sala de aula.

Tendo em vista esses aspectos, constata-se a necessidade de tratarmos a formação de professoras reflexivas em diálogo com o recurso da arte de contar histórias no contexto de sala de aula. Em última análise, é possível salientar que a contação de histórias é um recurso possível na prática educativa, que se constitui enquanto arte por possibilitar a criação do imaginário, o estímulo da oralidade, a interação e a dinamicidade. Em virtude dos fatos mencionados, cabe ressaltar que a contação de histórias deve circular nas escolas como uma possibilidade de se trabalhar na prática educativa a poesia, a ludicidade e a socialização que tende a impulsionar a formação e a constituição de sujeitos autônomos, críticos e reflexivos das histórias narradas no espaço da sala de aula em diálogo com as suas vivências e as suas histórias pessoais.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Câmara dos Deputados, 1996.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 174.p. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livros01.pdf>>. Acesso em 18 de 2018.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed.8. Vozes, 2012.
- CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. **Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades**. João Pessoa, v.24, n. 1, p.13-18, abr.2014.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo, ed. Autores Associados: Cortez, 1989.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro, 12º ed. Record, 2011.
- GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. Ribeirão Preto (Paidéia), v.12, n. 24, p.149-161, fev. 2002.
- HAMPÂTÉ BÁ, Amadou. A tradição viva. In: **HISTÓRIA Geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. DF: Brasília, 2. ed. ver, 2010.
- JOSSO, Maria-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo, ed. Paulus, 2010.
- MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade**. São Paulo, ed. Martins Fontes, 2005.
- MAGALHÃES, Célia Elisa Alves de. **Autoetnografia em estudos da linguagem e áreas interdisciplinar**. Juiz de Fora, v.22, n.1, p. 17-33, jan. 2018.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo, ed. Annablume, 2003.
- SANTOS, Luciene Souza. **A Emília que mora em cada um de nós: a constituição do professor-contador de histórias**. 2013. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Belo Horizonte, ed. Aletria, 2012.

WALLON, Henri. **Afetividade e processo de ensino-aprendizagem: contribuições de 2005**. São Paulo, Psicologia da Educação, v. 20, n. 20, p. 20. jun. 2005.

**Recebido em: 31/01/2020**

**Aprovado em: 05/04/2020**

**Publicado em: 20/11/2020**